

# GRAMATICALIZAÇÃO E GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES: ESTABILIDADE E INSTABILIDADE NO USO DE ORAÇÕES COMPLEXAS DE CAUSA EM TEMPO REAL

Maria Luiza BRAGA

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
malubraga@terra.com.br

Maria da Conceição de PAIVA

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
paiva@club-internet.fr

## **Resumo**

Neste artigo, focalizamos as diferentes construções que expressam causalidade nos séculos XVIII, XIX e XX. Adotando pressupostos da gramática de construções e dos estudos de gramaticalização, procuramos depreender as relações que se estabelecem entre elas de acordo com o domínio da relação de causalidade: conteúdo, epistêmico, atos de fala. Através da análise de uma amostra de cartas, mostramos que as construções causais atestadas se organizam em subfamílias que se distinguem entre si por propriedades morfossintáticas e funcionais. Essa análise permite mostrar a reorganização no conjunto de construções causais ao longo do período analisado e apontar as alterações sintagmáticas e morfossintáticas que as acompanham.

## **Palavras-chave**

construções causais, gramaticalização, diacronia

## Introdução<sup>1</sup>

A análise de um dos volumes sobre gramaticalização mais divulgados no Brasil, o livro de Hopper e Traugott (2003), por um lado, e o de Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), por outro, sob o prisma da Gramática das Construções, permite atestar o uso frequente do termo construção. Hopper e Traugott (2003) utilizam-no logo na primeira página, quando da caracterização de uma das acepções de gramaticalização:

Como um termo relativo a um quadro de pesquisa, “gramaticalização” se refere àquela parte do estudo de mudança da língua que se preocupa com questões tais como itens lexicais e *construções* (itálico nosso) ocorrem em determinado contexto linguístico, a fim de servir a funções gramaticais ou como itens gramaticais desenvolvem novas funções gramaticais. (Hopper e Traugott 2003, p.1)<sup>2</sup>

Uma vez que não é fornecida uma definição de construção, infere-se que, nestes contextos, o termo remete a um segmento linguístico semântica e morfossintaticamente mais complexo e, possivelmente, maior do que uma palavra. Em outros termos, a um padrão recorrente e que se contrapõe a “item lexical.

Uma caracterização de construção é fornecida por Goldberg (1995, 2006). Construção é concebida como um pareamento entre forma e significado que apresenta aspectos do significado ou da forma que não são estritamente previsíveis do conhecimento de outras construções que existem na gramática, como pode ser observado em sua definição:

C é uma construção se C é um par forma-significado  $\langle F_i, S_i \rangle$  de tal forma que algum aspecto de  $F_i$ , ou algum aspecto de  $S_i$  não é estritamente previsível das partes componentes de  $C_s$  ou de outras construções previamente estabelecidas. (Goldberg, 1995, p.4)<sup>3</sup>

Esta definição ressalta o caráter não composicional das construções e é ampliada na obra de 2006 em que a autora afirma:

“... pareamentos aprendidos de formas com funções semânticas ou discursivas, incluindo morfemas ou palavras, expressões idiomáticas parcialmente preenchidas por itens lexicais e padrões frasais gerais.  
(...)”

<sup>1</sup> Este trabalho constitui uma versão ampliada de um artigo a ser publicado em obra organizada por Maria Auxiliadora Ferreira Lima.

<sup>2</sup> As a term referring to a research framework, “grammaticalization” refers to that part of the study of language change that is concerned with such questions as how lexical items and *constructions* (Itálico nosso) come in certain linguistic context to serve grammatical functions or how grammatical items develop new grammatical functions. (Hopper e Traugott, 2003, p.1)

<sup>3</sup> C is a CONSTRUCTION iff<sub>def</sub> C is a form-meaning pair  $\langle F_i, S_i \rangle$  such that some aspect of  $F_i$  or some aspect of  $S_i$  is not strictly predictable from  $C_s$  component parts or from other previously established constructions”. (Goldberg 1995, p.4)

Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja estritamente previsível de suas partes componentes ou outras construções existentes. Ademais, padrões são armazenados como construções mesmo que sejam totalmente predizíveis desde que ocorram com suficiente frequência” (Goldberg, 2006, p. 5)<sup>4</sup>

As construções linguísticas exibem uma estrutura de protótipos e integram redes de associações. Estão interligadas por relações de herança que motivam muitas de suas propriedades e que permitem capturar generalizações entre elas bem como explicar subregularidades e exceções. Dado o fato de serem unidades de um sistema, as construções se submetem aos princípios psicológicos da organização linguística. Dentre eles, interessa-nos, particularmente, o Princípio da Não-sinonímia apresentado a seguir:

*O Princípio da Não-Sinonímia:* Se duas construções forem sintaticamente distintas, então elas precisam ser semanticamente ou pragmaticamente distintas (cf. Bolinger 1968; Haiman 1985; Clark 1987; MacWhinney 1989). Os aspectos pragmáticos incluem particulares da estrutura informacional, tais como tópico e foco, e adicionalmente aspectos estilísticos da construção tais com registro

*Colorário A:* Se duas construções forem sintaticamente distintas e S(ematicamente) sinônimas, então elas precisam não ser P(ragmaticamente) sinônimas.

*Corolário B:* Se duas construções forem sintaticamente distintas e P-sinônimas, então elas precisam não ser S-sinônimas.<sup>5</sup>

O princípio apresentado acima, que remete a diversos outros autores de orientação funcionalista (Bolinger, 1968; Haiman, 1985; Clark 1987; MacWhinney, 1989), constitui o pano de fundo a partir do qual investigamos diacronicamente as orações complexas de causa, considerando como ponto de partida os elos conectivos que se interpõem entre os segmentos oracionais. Interessa-nos verificar:

---

<sup>4</sup> ...learned pairings of form with semantic or discourse functions, including morphemes or words, idioms, partially lexically filled and fully general phrasal patterns”  
(...)

Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspects of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist. In addition, patterns are stored as constructions even if they are fully predictable as long as they occur with sufficient frequency. (Goldberg 2006, p.5)

<sup>5</sup> *The Principle of No Synonymy:* If two constructions are syntactically distinct, they must be semantically or pragmatically distinct (cf. Bolinger 1968; Haiman 1985; Clark 1987; MacWhinney (1989). Pragmatic aspects of constructions involve particulars of information structure, including topic and focus, and additionally stylistic aspects of the construction such as register.

*Corollary A:* If two constructions are syntactically distinct and S(ematically)-synonymous, then they must not be P(ragmatically)-synonymous.

*Corollary B:* if two constructions are syntactically distinct and P-synonymous, then they must not be S-synonymous.

1. a intercambialidade potencial entre as construções de causa
2. o rearranjo do conjunto das construções causais ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX, o português contemporâneo segundo a periodização de Mattos e Silva (1989).

Adotamos neste estudo uma perspectiva mais ampla de causa, incluindo nesse rótulo tanto a noção de causa estrita como as de justificativa, explicação e motivo (Paiva 1991, 1996). Acompanhando a proposta de Sweetser (1990) e Dancygier e Sweetser (2000), consideramos que a relação de causalidade, pode ser instaurada em três domínios distintos: no domínio do conteúdo ou referencial, no domínio epistêmico, e no domínio dos atos de fala.

Com vistas a investigar a possível interface entre gramaticalização e gramática de construções, analisamos diacronicamente as orações complexas de causa e organizamos o artigo da seguinte forma: inicialmente, mostramos a evolução das construções causais entre os séculos XVIII a XX. A seguir, relacionamos essas mudanças entre si, de forma a evidenciar a reorganização do conjunto de construções causais ao longo do recorte temporal considerado. Nas considerações finais, interpretamos os movimentos identificados no conjunto das construções causais em termos das hipóteses colocadas. Com o objetivo de assegurar a comparabilidade das amostras, restringimo-nos ao gênero textual cartas.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> O material dos séculos XVIII e XIX constitui parte do *corpus* organizado por Torrent (2009). As cartas do século XX, por sua vez, integram o acervo de Textos Midiáticos, organizado pelo grupo PEUL (Projeto de Estudos do Uso Linguístico, projeto multi-institucional sediado na UFRJ). São cartas publicadas na seção de cartas dos leitores coletadas em jornais de grande circulação no Rio de Janeiro (*O Globo, Extra, Jornal do Brasil e Povo*). Elas se distinguem das primeiras, por não se dirigirem a um destinatário específico e estarem sujeitas ao crivo dos procedimentos editoriais.

## Construções de Causalidade ao Longo de Três Séculos

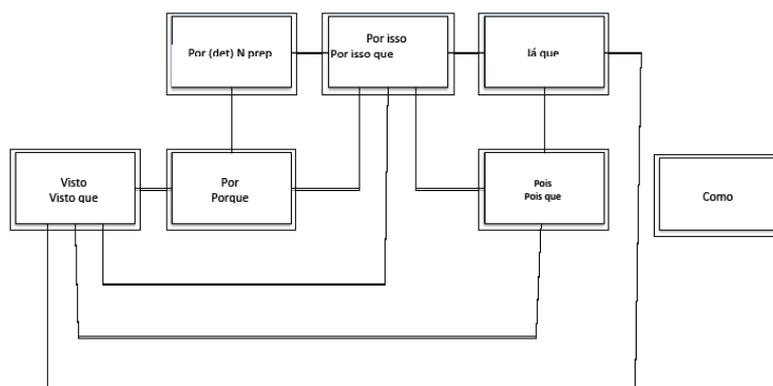
A análise das amostras dos séculos XVIII, XIX e XX permite identificar o conjunto de formas conectivas de causalidade relacionadas na tabela 1:

Tabela 1- Distribuição das formas de causalidade por século

Construções	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX
Porque	50 = 42%	43 = 27,2%	64 = 27,46%
Por	25 = 21%	32 = 20,3	32 = 13,73%
Pois	30 = 25,20%	30 = 19,%	89 = 38,19%
Pois que	6 = 5,1%	20 = 12,7%	0
Como	3 = 2,5%	5 = 3,2%	14= 6,%
Visto	1 = 0,84%	1 = 0,6%	0
Visto que	0	7 = 4,4%	1= 0,42%
Por isso	1 = 0,84%	13 = 8,22%	20 = 8,50%
Por isso que	0	2 = 1,26%	-
Por + (det) + N + {que/de}	3 = 2,52	1 = 0,6%	-
Em razão + prep	0	3 = 1,9%	-
Já que	0	0	12 = 5,15%
Posto que	0	0	1 = 0,42%
Que	1= 0,84	1 = 0,6%	0
Total	120	158	233

No gênero textual carta, a relação semântica de causa pode ser sinalizada por uma variedade de locuções conectivas, todas coexistindo com *como*, conjunção derivada diretamente do latim. Várias dessas construções (*visto/visto que*, *por isso/por isso que*, *por/porque*, *pois/pois que*) integram subgrupos constituídos por duas formas, uma mais gramaticalizada ao lado de outra menos gramaticalizada, como mostra a figura (1):

Figura 1- Construções conectivas de causa



A análise de cada par sob o prisma de alguns critérios comumente aceitos para distinguir entre ligação paratática ou ligação hipotática (Cf., por exemplo, Lobo 2003, Fiéis e Lobo 2008) – flexibilidade de posição, possibilidade de clivagem, admissão de operadores de foco, possibilidade de coordenação, comportamento frente a negativas alternativas ou interrogativas alternativas, resposta a pergunta QU ) – permite verificar as interrelações entre as diferentes construções, como mostra o quadro 1.

Quadro 1- Comportamento das construções causais

Construção	Posição flexível	Clivagem	Operador De foco	Coordenação	Negativa alternativa	Interrog. alternativa	Resposta Pergunta QU
Porque	+	+	+	+	+	+	+
Por	+	+	+	+	+	+	+
Pois	-	-	-	-	-	-	-
Pois que	-	-	-	-	-	-	-
Por isso	-	-	-	-	-	-	-
Por isso que	-	-	-	-	-	-	-
Visto	+	-	-	-	-	-	-
Visto que	+	-	-	-	-	-	-
Já que	+	-	-	+	-	-	-

O quadro acima sugere que: a- as diferentes díades construcionais estariam associadas a diferentes processos de vinculação oracional, algumas mais próximas do processo de coordenação e outras, do processo de hipotaxe; b- as duas formas de cada díade apresentam um comportamento semelhante, podendo, pelo menos em princípio, ser caracterizadas como variantes, o que constituiria, aparentemente, contra-evidência aos princípios de Goldberg (Op. Cit), particularmente dos dois primeiros.

Embora o rol de construções atestadas nos três séculos seja relativamente extenso, focalizaremos aquelas em que pelo menos uma das formas de cada subconjunto envolve o acréscimo do elemento *que*, a uma base preposicional ou adverbial, quais sejam *porque/por*, *por isso/por isso que* *pois/pois que* e *já que*.<sup>7</sup>

*Porque*, a construção mais freqüente nos séculos XVIII e XIX, provém da junção da preposição *por* + *que*<sub>pro rel</sub>. Esta construção já é empregada a partir do século XIII, coexistindo grafias como *porque* ~ *por que* ~ *perque* ~ *per que*. De acordo com Barreto (1999), no século XIII, ainda era possível encontrar ocorrências nas quais a palavra *que* funcionava como um relativo parafraseável por ‘pela qual’, ‘por que motivo’, como se vê em (4), a seguir

(4) E qual quer dos contemptores que ao plazo nom ueer nen enuir como deue, peyte ao juiz. V. soldos përa el Rey e outros. V. përa o contendor que uerr ou

<sup>7</sup> Nesta análise, excluimos a construção *Por* + (det) + N + {*que/de*}, pelo fato de que ela coloca questões particulares ligadas, principalmente, aos traços semânticos do núcleo nominal.

enuir ao plazo e se aquel que nũerr der algũa escusaçõ dereyta **per que** nõ ã e o nõ aya pãa. (FR, liv. II, I. 132-6, apud Barreto 1999; 118) )

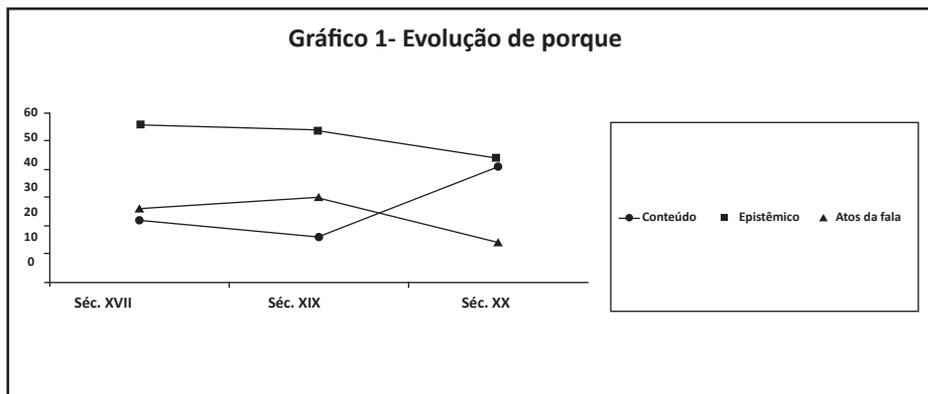
Ainda no séc. XVIII, são atestadas ocorrências da preposição *por* separada graficamente do *que*, referendando a interpretação de que o conector *porque* resulta da combinação entre os dois elementos. No séc. XIX, tais ocorrências são esporádicas, desaparecendo completamente no século XX.

*Porque* introduz orações causais nos três domínios, como mostram os exemplos (2) e (3), domínio epistêmico e dos atos de fala, e trecho (5), a seguir:

Conteúdo

(5) Este quadro não está completo; porque não chegarão em tempo todos os quadros parciais, e mesmo alguns não vierão conforme o modelo (Sec. XIX, UNESP 19DM, pag. 3)

O gráfico 1 mostra a distribuição da construção *porque* nos três domínios em cada um dos períodos:



A similaridade entre as curvas do gráfico 1 sugere relativa estabilidade no emprego de *porque* ao longo dos séculos XVIII e XIX, com uso mais frequente no domínio epistêmico. No séc. XX, atesta-se, porém, acentuado aumento de *porque* no domínio do conteúdo, o que resulta numa certa neutralização entre esses dois empregos de *porque*. No mesmo período, observa-se ainda o decréscimo no uso dessa construção no domínio dos atos de fala.

Do ponto de vista das suas propriedades sintagmáticas, atesta-se a estabilidade das orações introduzidas por *porque*: independentemente do domínio, elas são categoricamente pospostas à núcleo, em todo o período considerado. No entanto, o aumento da utilização da construção *porque* no domínio do conteúdo parece ser acompanhado, de forma mais significativa, por uma ampliação nas possibilidades de combinação modo-temporal: no séc. XVIII, as causais de conteúdo configuram períodos complexos em que se articulam duas orações com identidade modo-temporal; a partir do séc. XIX, aumenta a frequência de períodos com tempo e modo divergentes. A redução no uso de

*porque* no domínio dos atos de fala, por sua vez, parece ser acompanhada por uma tendência à realização de sujeitos explícitos e não correferenciais.

Orações iniciadas por *porque* coexistem com a contrapartida não-finita, isto é, as orações encabeçadas por *por* seguido de uma forma verbal infinitiva. Esta preposição integra diversas construções conectivas (*por isso, portanto, porquanto, porque*, etc) e estava associada, assim como *per* e *pro*, no latim, à expressão de significados locativos, temporais e nocionais, vale dizer, qualidade, nos termos de Heine, Claudi, Hunnemeyr (1991). No português arcaico, segundo Poggio (2002), *por* ocorre em orações compatíveis com uma interpretação quer de 'finalidade' quer de 'causa', como no exemplo abaixo, citado pela autora:

- (6) E **por saberem o esmo em que lugar eram**, traziam dou traadores (F. Lopes, D. J. 325, apud Poggio, 2002)

A proximidade semântica entre as noções de finalidade e causa, por um lado, e a existência de um SPrep associado a causa, a construção *per rason de*, possivelmente confluíram e favoreceram o uso de *por* como introdutor de orações de causa. Assim como as orações com *porque*, as orações vinculadas por *por* podem instanciar relações causais nos domínios do conteúdo, epistêmico e dos atos de fala.

#### Conteúdo

- (7) Executada estaprimera Ordem, epondo-se todo em ordem para entrar se na acção, começavam os Castelhanos à atirarem, **por verem as nossas Embarcações aproximarem-se às suas**. (Séc. XIX, PHPB, Documentos Oficiais, pag. 3, Linha 5)

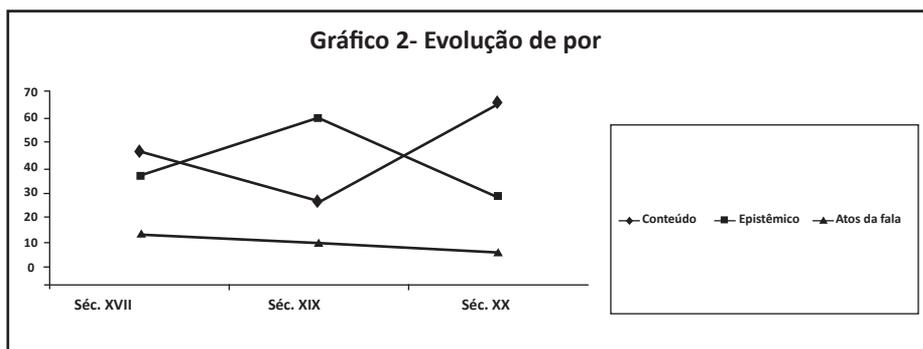
#### Epistêmico

- (8) Haveria também grande conveniência se fosse possível melhorar as vias de conduccão da Fabrica a porto da Estrella, donde dista duas léguas, **por ser muito dispendioso o transporte da pólvora e dos generos que consume, em carros, ou bestas, como actualmente se pratica** (Séc. XIX, UNESP, 19RNG, pag. 12, parag. 6)

#### Ato de fala

- (9) (...) deme Lembranças aos amigos eao Amigo Padre Fernandes que lhenão escrevo agora **por não ter tempo** (Séc. XVIII, PHPB, Cartas Comerciais –pag. 4, linha 19)

Como mostra o gráfico 2, a construção *por* apresenta uma distribuição mais irregular ao longo dos três séculos: no século XVIII, constatam-se índices aproximados para os domínios do conteúdo e epistêmico; no século XIX, *por* predomina no domínio epistêmico e, no séc. XX, inverte sua distribuição, aumentando, sensivelmente, no domínio referencial. À semelhança de *porque*, a construção *por* opera mais raramente no domínio dos atos de fala.



Diferentemente das orações encabeçadas por *porque*, aquelas introduzidas por *por* ganham em flexibilidade sintagmática, aumentando seu índice de anteposição à núcleo.<sup>8</sup>

Consideremos a seguir as construções *por isso* e *por isso que*. Barreto (1999) atesta a ocorrência de *por isso* a partir do séc. XIII, com um valor de encadeador de narrativa ou reforço adverbial. O fato de a construção *por isso* vir frequentemente precedida por conjunções explicativas ou “encadeadores”, como no exemplo (10), sugere que, no português arcaico, ela funcionaria, possivelmente, como um constituinte oracional usado anaforicamente. Só posteriormente, seria reanalisada como uma construção conectora.

- (10) E **por Esso** lhe semelhava que se nom ouvesse a sua vontade, que morreria. (Dem. Cap. CX, 1.28, 28-9 apud Barreto 1999: 313)

Evidências a favor dessa interpretação são fornecidas por dados do século XX nos quais *por isso* vem precedido pela conjunção *e*, como em (11a), ou ocorre em diferentes fronteiras de constituintes, como em (11b):

- (11a) Nesse endereço não há galerias de águas fluviais **e, por isso, depois das chuvas, o local se transforma num rio.** (Séc. XX, Jornal Extra, 21-01-02).

- (11b) No mesmo dia estava de pé, tomando banho sozinha, cuidando do meu filho na maior felicidade, e não me sinto menos mãe, menos mulher ou fracassada **por isso.** (Séc. XX, O Globo, 27-01-02)

Diferentemente das orações introduzidas por *porque* e *por*, as orações encabeçadas por *por isso* ficam mais restritas aos domínios epistêmico e dos atos de fala, como nos exemplos (12) e (13):

#### **Epistêmico**

- (12) Com o limitado soldo que vencem, é innegável que (as praças) devem sofrer graves privações quando sahem em diligência: **por isso contemplei no orçamento uma quantia que me pareceo bastante, não só para o augmen-**

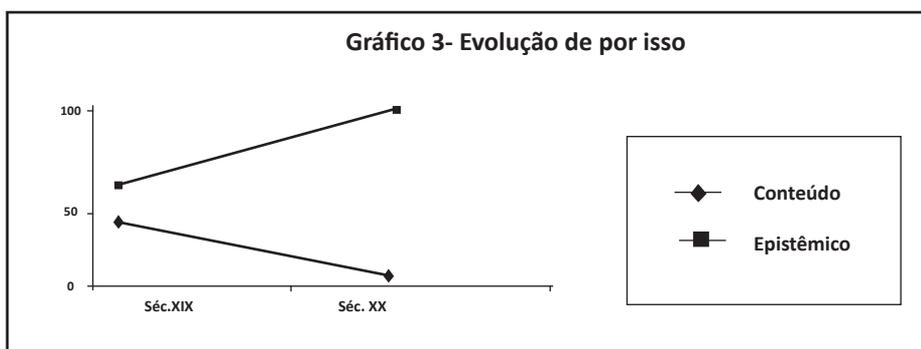
<sup>8</sup> Para as orações encabeçadas pela preposição *por*, a questão da correlação modo-temporal não se coloca.

to de mais 100 praças como para pagamento d'etape as que sahirem fora do Município da Capital em diligencia. (Sec. XIX, UNESP, 19DMA, p. 11).

#### Ato de fala

- (13) O resultado final de taes alianças vós não podeis ignorar: **por isso urge procurar meios de sahir d'este embaraço**, ainda que eu seja o primeiro em reconhecer a dificuldade de achar algum adequado (Séc. XIX, UNESP, 19DMA, pag. 8)

Como mostra o gráfico 3, a construção *por isso* apresenta, nos séculos XIX e XX, maior frequência no domínio epistêmico e menor recorrência no domínio dos atos de fala.



No entanto, a diferença percentual entre esses dois usos se incrementa no século XX, quando as ocorrências de *por isso* no domínio dos atos de fala se tornam bastante rarefeitas.<sup>9</sup>

A predominância de *por isso* no domínio das crenças e atitudes se reflete na estabilidade das suas propriedades sintagmáticas – oração causal categoricamente anteposta – e morfossintáticas: sujeito não explícito e [- correferencial] e divergência modo-temporal.

A construção *por isso que*, no gênero textual analisado, é atestada até o século XIX. Na sincronia atual, é uma construção ambígua, uma vez que a palavra *que* pode ser interpretada quer como elemento focalizador quer como complementizador. A primeira leitura é evidenciada pela compatibilidade com outras estratégias de focalização, como se pode verificar em (16a) e (16b). A interpretação de *que* como um complementizador, por outro lado, constituiria a instanciação de um processo produtivo nas línguas românicas e responsável pela gramaticalização de numerosas construções conectivas, qual seja, a posição da palavra *que* a elementos de base nominal, pronominal, adverbial ou preposicional. Em princípio, seria possível uma substituição de *por isso* por *porque*, como em (14c). O cotejo entre (14) e (14c) mostra, no entanto, que os

<sup>9</sup> Como há apenas 1 dado de *por isso* no séc. XVIII, nossa análise se concentra nos resultados para os séculos XIX e XX, momentos em que as ocorrências dessa construção se tornam mais significativas.

dois enunciados, embora sintaticamente gramaticais, envolvem uma mudança na perspectivização do elo de causalidade: enquanto *porque* introduz a causa, *por isso que* introduz a consequência, ou melhor, uma conclusão/inferência possibilitada pelo segmento discursivo anterior.<sup>10</sup>

(14) É verdade que nos chapadões não póde haver abundancia de caça, **por isso que nesses terrenos só há quase pasto** (UNESP – 19RV – pág. 21 – Parágrafo 6).

(14a) É verdade que nos chapadões não póde haver abundancia de caça, é **por isso que nesses terrenos só há quase pasto**.

(14b) É verdade que nos chapadões não póde haver abundancia de caça, **por isso é que nesses terrenos só há quase pasto**.

(14c) É verdade que nos chapadões não póde haver abundancia de caça, **porque nesses terrenos só há quase pasto**.

Embora não possamos nos pronunciar acerca da produtividade de *por isso que* em períodos anteriores da língua, no século XIX essa construção já é esporádica, com apenas três ocorrências, uma das quais no domínio do conteúdo e duas no domínio epistêmico.

Uma outra subfamília de esquemas construcionais compreende aqueles preenchidos por *pois* e *pois que*, ambos atestados desde o séc. XIII (Cf. Lima 2002). Segundo Nascentes (1955), *pois* remete a *postea* que se confunde, posteriormente, com *post* e funcionava quer como advérbio quer como conjunção, ambas a serviço da expressão das noções de tempo e espaço, sentidos herdados pelo uso conjuncional.<sup>11</sup> *Pois* com leitura explicativa é atestado já no século XIII, como mostra o exemplo abaixo, citado por Barreto (1999):

(15) “Eu vo-lo direi” disse Ella “**pois sabor avedes** de o saber”. (Dem., Cap. XX, 1. 17-9, apud Barreto, 1999: 253)

No intervalo de tempo considerado, podem ser atestados usos de *pois* nos três domínios da relação de causalidade.

### Conteúdo

(16) Li no JB que a construção da Linha 4 do metrô vai ser adiada mais uma vez, **pois a prefeitura não abre mão de fazer o pagamento às empreiteiras, em vez do Estado**. (Séc. XX, Jornal do Brasil, 26-03-04)

### Epistêmico

(17) Hoje o campo de Palmas é uma riqueza para a Província; pois já se acha todo povoado por fazendeiros, que ahi se vão estabelecendo, ao abrigo do

<sup>10</sup> A substituição de uma construção por outra implica uma inversão no raciocínio, alterando a relação entre os segmentos A e B: causa passa a ser efeito e efeito, causa.

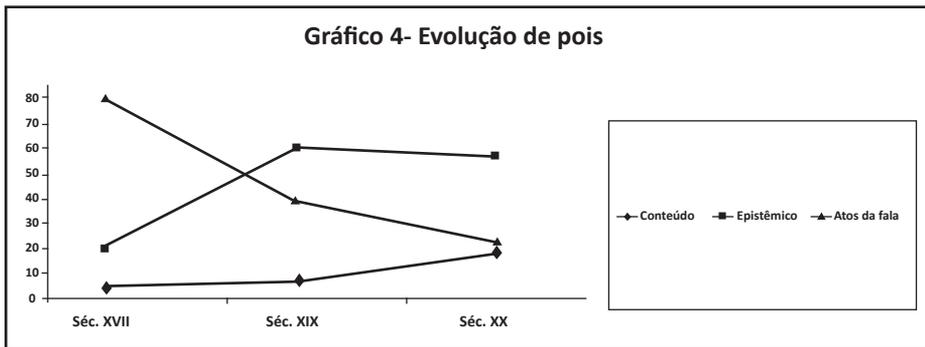
<sup>11</sup> O emprego de *pois* como conjunção introdutora de orações que sinalizam tempo é restrito aos séculos XIII e XIV.

destacamento que muito sabiamente alli se mandou collocar. Outros descobrimentos se tem feito, e ainda se hão-de fazer, **pois o exemplo de feliz sucesso dos primeiros exploradores, é o mais poderoso incentivo para taes emprezas (...)** (Séc. XIX, UNESP, 19DMA, pag. 9)

#### Ato de Fala

(18) Escreva-me e não me poupe para nada, **pois sabes que sou teu amigo** (Séc. XIX, PHPB, Cartas Pessoais RJ3)

A distribuição dos usos de *pois* segundo os domínios é apresentada no gráfico 4:



Comparando-se as curvas obtidas para cada um dos domínios, observa-se que o conector *pois* se desloca do domínio dos atos de fala, predominante no século XVIII, para a explicitação de relações causais no domínio epistêmico, o mais recorrente nos séculos XIX e XX. O movimento para epistêmico parece ter operado de forma mais abrupta entre os séculos XVIII e XIX, quando aumenta exponencialmente, mantendo-se estável nos séculos XIX e XX. Seu uso no domínio do conteúdo é bastante marginal ao longo do período considerado, embora aumente ligeiramente na última sincronia.

A crescente especialização de *pois* no domínio epistêmico parece ser acompanhada, principalmente, de uma certa ampliação das propriedades modo-temporais das orações relacionadas. Observa-se que, mais particularmente no século XX, as causais com *pois* no domínio epistêmico apresentam mais frequentemente divergência de tempo e modo em relação à sua oração núcleo.

De acordo com os exemplos atestados por Lima (2002), no século XIII, a construção *pois que* era utilizada para realizar uma relação temporal, um dos empregos possíveis de *pois* naquele estágio da língua. Em outros termos, no sentido de tempo, *pois* se fazia acompanhar da partícula *que*.<sup>12</sup> Nos períodos examinados neste estudo pode ser atestado o uso de *pois que* nos três domínios da relação de causalidade:

<sup>12</sup> Um exemplo citado pelo autor é: “Firmemente deffendemos que nenhuus não seyâ ousados de casar contra mandamêto da Sancta Eygreya *poys que* lhis for deffendodo. (CIPM, Afonso X, Foro Real) (Lima 2002:364).

### Conteúdo:

- (19) O Engenheiro C. A. Bresser continua a servir n'esta Provincia, apesar da auctorisação dada ao Governo para despedil-o; **pois que pareceo conveniente conserval-o na inspecção das obras da casa de Correção, do Jardim publico e da ponte de Santa Anna**, e empregal-o em outros serviços de sua profissão que fossem necessários. (Séc. XIX, UNESP, 19DMA, pag. 6)

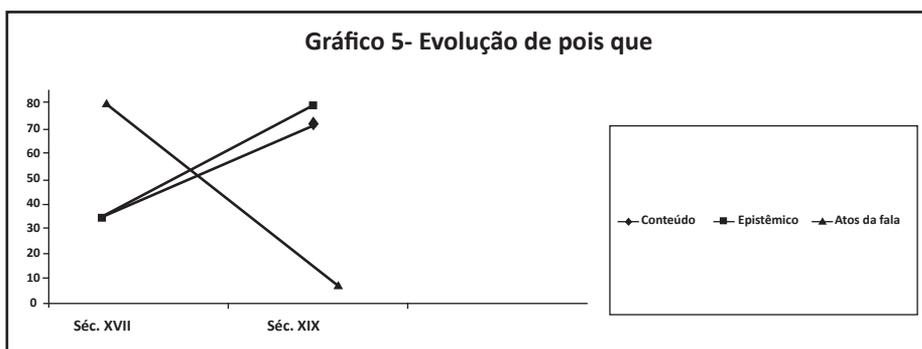
### Epistêmico

- (20) Parece pois necessario que continueis a decretar fundos para a conclusão d'esta estrada que é de muita importancia, e cujas rendas tambem promettem indemnisar, em pouco tempo, os emprestimos feitos; **pois que no estado em que se acha, logo se deteriorará, se não se concluirem as obras com a precisa solidez**. (Séc. XIX, UNESP, 19DMA, pag. 23)

### Atos de fala

- (21) Antes que a sua personificação material se esconda aos nossos olhos, venho unguido de saudades, na entrada do sepulcro despedir-me delle, e dizer-lhe o adeus da terra, **pois que tenho bem fundadas esperanças de o ver e abraçar na Eternidade, e a Presença de Deos**. (Séc. XIX, UNESP 19CGM, pag. 3)

No gênero textual investigado, não se encontram ocorrências de *pois que* no século XX.<sup>13</sup> A análise dos dados dos séculos XVIII e XIX, mostrada no gráfico 5, revela similaridade no que tange aos seus usos nos domínios do conteúdo e epistêmico que exibem uma distribuição oposta à que se verifica para seu uso no domínio dos atos de fala. A frequência para este domínio decresce consideravelmente enquanto a dos outros domínios aumenta vertiginosamente.



*Pois que* partilha com *pois* a posição fixa da oração causal, posposta à núcleo, e a maioria das propriedades morfosintáticas, como sujeito explícito e [correferencial]. No século XIX, considerando seu uso predominante, qual seja, o epistêmico, observa-se que, diferentemente de *pois*, as orações introduzidas

<sup>13</sup> Uma busca através da ferramenta Google revela que a construção *pois que* ainda pode ser atestada no português contemporâneo, como mostra o exemplo seguinte: “ Confesso que estou com medo sim, pois que sou humano. Tão humano quanto Jesus Cristo, que com toda a certeza deve ter se borrado todo no” ... [lifescraps.com.br/?p=24](http://lifescraps.com.br/?p=24)

por *pois que* tendem a apresentar similaridade de traços de tempo e modo das orações relacionadas.

Um outro esquema de base adverbial é *já que*, construção que, segundo Barreto (1999), remontaria ao século XIII. Nos nossos dados, todavia, ele só ocorre no século 20, com interpretação epistêmica (41%) e, principalmente, de ato de fala (59%).

### Epistêmico

- (22) Precisamos de mais orelhões na localidade, afinal é um direito nosso, **já que somos contribuintes como qualquer outra pessoa.** (Séc. XX, Extra, 03-01-04)

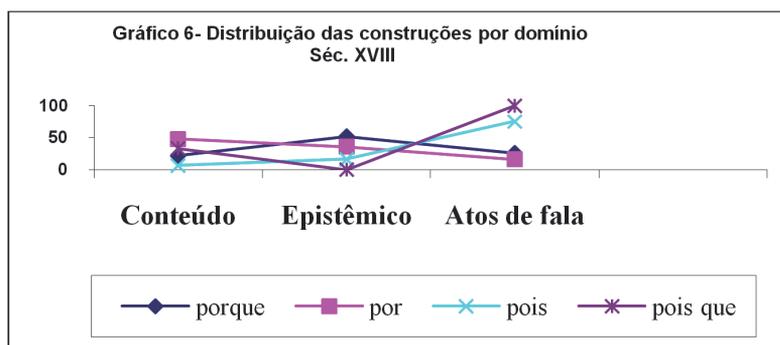
### Ato de fala

- (23) Concordo com a opinião do leitor sr. Marcos G. Lustosa 13/4, que coloca como suspeita a vistoria pleiteada, **já que o verdadeiro interesse é na tecnologia da ultracentrífuga.** (Séc. XX, Jornal do Brasil, 03/02/04)

As orações encabeçadas por *já que* se caracterizam por propriedades morfossintáticas semelhantes, independentes do domínio: são mais frequentemente pospostas, possuem sujeito explícito e [-correferencial] e especificações modo-temporais distintas.

## Reorganização do Sistema de Construções Causais

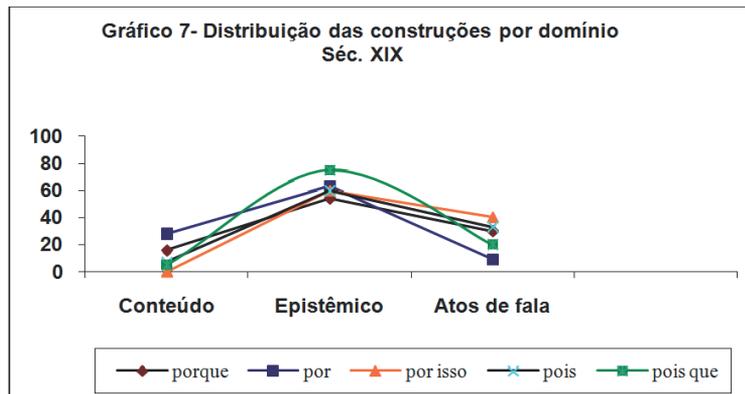
Considerando a relação entre as construções no que se refere ao domínio em que se realiza a relação de causalidade, é possível depreender diferentes configurações no quadro relativo a cada um dos três séculos. Examinemos inicialmente o gráfico 6, correspondente ao séc. XVIII:



As curvas do gráfico 6 permitem atestar um paralelismo entre *pois* e *pois que* predominantemente utilizados na justificativa de atos de fala. Observa-se ainda ocorrência pouco expressiva de *pois* no domínio do conteúdo e ausência de *pois que* no domínio epistêmico. Ambas contrapõem-se a *porque* que prevalece no domínio epistêmico. Por seu turno, a construção *por* se distribui mais uniformemente entre os domínios do conteúdo e epistêmico e era menos

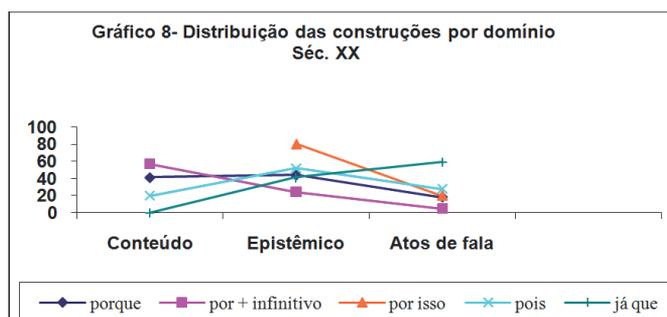
recorrente no domínio dos atos de fala. A construção *por*, por sua vez, prevalece na indicação de causas reais. Há indicações, portanto, de uma repartição funcional que envolve *porque*, por um lado, e *pois/pois que*, por outro, com *por* apresentando maior multifuncionalidade.

No século XIX, verifica-se um rearranjo significativo das construções focalizadas de acordo com os domínios da relação de causalidade, como se pode constatar no gráfico 7:



Atenuam-se as diferenças entre a maior parte das construções, alinhando-se todas elas em um padrão que envolve sua predominância no domínio epistêmico, particularmente notável para *pois* e *pois que* e seu decréscimo no domínio dos atos de fala. Interessante destacar o alinhamento de *por isso* ao padrão de distribuição depreendido para as formas até então mais frequentes. Considerando as particularidades já destacadas para a construção *por isso*, pode-se dizer que, sob certos aspectos, ela não estabelece uma relação de concorrência/rivalidade com as construções já existentes: possui contextos discursivos e pragmáticos mais específicos caracterizados por colocar em foco um processo inferencial realizado por um participante, mais frequentemente de primeira pessoa (EU), reforçando, assim, a natureza epistêmica/subjetiva dessa construção.

Com base no gráfico 8, consideremos o século XX, que se caracteriza por um outro rearranjo no conjunto das construções causais.



O padrão atestado para o século XX na amostra de cartas, por um lado, aproxima-se em muitos aspectos da configuração do século XIX e, por outro, fornece evidências de uma certa reestruturação no conjunto das construções causais, que envolve os seguintes movimentos:

- a- ausência da construção *pois que* na amostra correspondente ao século XX, substituída, aparentemente, pela construção *pois* cujo uso se amplifica no domínio de relações que envolvem crenças e atitudes do falante;
- b- ampliação do uso de *por isso* no domínio de relações epistêmicas e emprego residual no domínio dos atos de fala;
- c- semi especialização das construções *por* no domínio do conteúdo;
- d- distribuição equilibrada dos usos da construção *porque* nos domínios do conteúdo e epistêmico e redução no domínio dos atos de fala;
- e- especialização das construções *já que* na introdução de justificativas para atos de fala.

Embora essas tendências não possam ser tomadas como conclusivas, há indicações de que, no português contemporâneo escrito, instaura-se uma outra forma de repartição funcional dos conectores de causalidade que leva em conta a existência da construção *já que* no conjunto de construções que instanciam o elo causal.

### Considerações finais

A análise desenvolvida até o momento permitiu depreender a coexistência, no período de tempo considerado, de uma variedade de construções conectivas associadas à sinalização da relação de causa. Partimos do princípio de que essas construções se organizam em subconjuntos interrelacionados. A se basear nos critérios e operações que distinguem os processos de parataxe e hipotaxe, oferecidos pela literatura linguística, as duas formas de cada subconjunto seriam intercambiáveis. A intercambialidade entre os membros de cada subconjunto é reforçada pela convergência das propriedades sintagmáticas e morfossintáticas das construções causais de cada conjunto. Aparentemente, essa intercambialidade constituiria uma contra-evidência à proposta de Goldberg.

A investigação das orações complexas causais sugere ainda que as diferentes díades apresentam diferentes padrões funcionais. Se, por um lado, observa-se uma especialização funcional parcial entre *por* e *porque*, por outro, verifica-se superposição funcional, por exemplo, entre *pois* e *pois que*, levando a crer que elas são equivalentes em todos os níveis, ou seja, variantes sintáticas nos termos de Labov (1972). No entanto, tal conclusão tem que ser tomada com cautela, já que não dispomos de evidências de estágios anteriores que permitam traçar com maior precisão a trajetória de cada uma das construções. A expansão de *pois* em oposição à atestada diminuição de *pois que* no século XX, no caso ausência na amostra analisa-

da, poderia ser indicativa, inclusive, de um processo de redução de formas variantes no interior do mesmo subconjunto.

Ainda com referência à intercambialidade entre as construções de cada subfamília, vale indagar quanto à possível origem de cada variante e à noção de “diferença sintática”, crucial para a hipótese de Goldberg. A posposição da palavra *que* constituiria uma diferença sintática? Aparentemente, sim. No caso dos pares *por/porque* ou *visto/visto que*, por exemplo, a ausência ou presença da palavra *que* se correlaciona com propriedades gramaticais diferentes das orações que encadeiam: *por* e *visto* encabeçam orações não-finitas, enquanto *porque* e *visto que* introduzem orações finitas. A posposição da palavra *que* a *por isso* e *pois* não está correlacionada, todavia, a mudanças esperadas nas propriedades morfossintáticas das orações que introduzem. Dados como estes reforçam a hipótese de que uma explicação que leve em conta apenas a natureza gramatical do primeiro elemento da construção conectiva não se sustenta. Comprovam-se, assim, a nosso ver, as propostas de Bybee et alii (1994) e de Lehmann (2002) para quem é a construção inteira que é precursora do processo de mudança.

O que a nossa análise permite evidenciar é a implementação de um rearranjo gradual e sutil de alguns dos conectores de causa ao longo dos três últimos séculos. Em parte, as alterações que resultam nesse rearranjo podem ser interpretadas em termos de gramaticalização, se considerarmos que, do ponto de vista semântico-pragmático, seria de se esperar uma trajetória de crescente subjetivização dos conectores causais, no sentido de conteúdo > epistêmico > atos de fala, ou seja, um movimento de [+ objetivo] para [+ subjetivo], como proposto por Traugott (1989, 2003) e outros. Embora seja necessária uma certa cautela, as evidências encontradas sinalizam um movimento na direção contrária, na medida em que, para muitas das construções causais analisadas, observa-se um movimento do domínio epistêmico para o domínio do conteúdo, ou seja do [+ subjetivo] para o [+ experiencial]. ☐

*Recebido em 02/01/2011. Aceito em 18/03/2011*

## BRAGA, M. L.; PAIVA, M. C. GRAMMATICALIZATION AND CONSTRUCTION GRAMMAR: STABILITY AND INSTABILITY IN THE USE OF CAUSAL COMPLEX CLAUSES IN REAL TIME

### **Abstract**

*On this paper, we focus the different constructions that encode causal relation on the 18th, 19th and 20th centuries. We adopt both the grammatical construction assumptions and the grammaticalization ones, in order to infer the relations between them according to the domain: content, epistemic, speech acts. Through the analysis of a letter sample, we showed that the causal*

*constructions are organized in subgroups that differ among themselves by morphosyntactic and functional properties. The diachronic analysis allows us to show the reorganization in the set of causal constructions over the centuries, as well as to point out the syntagmatic and morphosyntactic alterations that follow these changes.*

### **Keywords**

*causal constructions; grammaticalization; diachrony*

### **Referências**

BARRETO, T. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. 1999. Tese (Doutorado em Letras), Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

BOLINGER, D. *Aspects of language*. New York: Harcourt, Brace and World, 1968.

CLARK, E. W. The principle of contrast : a constraint on language acquisition. In: MACWHINNEY, B (ed). *Mechanisms of language acquisition*. Hillsdale: J. Lawrence Erlbaum Associates, 1987.

Bybee, J.; et alii. *The evolution of Grammar: Tense, aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

Dancygier B.; Sweetser, E. Constructions with if, since, and because: causality, epistemic stance and clause order. In: Couper-Kuhlen, E; Kortmann, B. (eds). *Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse perspectives*. New York: Mouton de Gruyter, 2000.

FIÉIS, A.; LOBO, M. *Para uma diacronia das orações causais e explicativas do português*. Comunicação. XXIV Encontro Nacional da APL, Braga, Portugal, 2008.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work; the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HALLIDAY, M. A. K. *System and function in language*. Oxford: Oxford University Press, 1976.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 2004.

HAIMAN, J. *Natural syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: Chicago University Press, 1991.

HOOPER, P.; TRAUOGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOOPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. 3. ed. Rev e ampl. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: what categories reveals about the mind*. Chicago: Chicago University Press, 1987.

LEHMANN, Christian. New reflections on grammaticalisation and lexicalisation. In: WISCHER, W.; DIEWALD, G. *New reflections on grammaticalisation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002.

LIMA, J. P. de. Grammaticalisation, subjectification and the origin of phatic markers. In: WISCHER, W.; DIEWALD, G. *New reflections on grammaticalisation*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamin, 2002. p. 363-378.

LOBO, M. *Aspectos da sintaxe das orações adverbiais do português*. 2003. Tese (Doutorado). CLUL, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2003.

MATTOS E SILVA, R. V. *Português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 1989.

MCWHINEY, B. Competition and Lexical Categorization. In: Eckman. R. Corrigan; Noonan M. (eds). *Current Issues in Linguistic Theory: linguistic Categorization*. Amsterdam: John Benjamins, 1989.

NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, v. 1. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.

Noordman, L. G. M; De Blijzer, F. On the processing of causal relations. In: Couper-Kuhlen, E; Kortmann B. (eds) *Cause, condition, concession, contrast and discourse perspectives*. Berlin /New York: Mouton de Gruyter, 2000. p. 57-82.

PAIVA, M. C. *Ordenação de cláusulas causais: forma e função*. 1991. 221 fl. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

PAIVA, M. C. *Aspectos semânticos e discursivos da relação de causalidade*. In: Macedo Alzira et al. (org.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 51-62.

Poggio, R. M. G. *Processos de Gramaticalização de Preposições do Latim ao Português: uma abordagem funcionalista*. 2002. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

SWETSER, E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TORRENT, T. T. *A Rede de Construções em Para (SN) Infinitivo: uma abordagem centrada no uso para as relações de herança e mudança construcionais*. 2009. 166 fl. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

TRAUGOTT, E. C. From subjectification to intersubjectification. In: HICKEY, R. *Motives for language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 124-139.

TRAUGOTT, E. C. On the rise of epistemic meanings in English: an example of subjectification in semantic change, *Language*, Washington, n. 57, p. 33-65, 1989.